

4 Vida louca, breve e imensa*

“Vida, louca vida, vida breve / Já que eu não posso te levar / quero que você me leve. / Vida, louca vida, vida imensa / Ninguém vai nos perdoar, nosso crime não compensa”¹⁴. Os versos, apesar de não serem nem de Cazuzza nem de Renato Russo, não poderiam ser mais autobiográficos. Tanto um quanto outro tiveram vidas loucas, breves e imensas. Ambos viveram até o limite da transgressão, da auto-destruição e da criação.

Não nos cabe aqui dar conta de toda a vida de Cazuzza e Renato Russo, até mesmo porque, como já foi dito, apesar de breves, foram imensas. Nossa intenção é registrar alguns dos momentos marcantes, especialmente aqueles que deram ou ajudaram a dar origem aos seus trabalhos como músicos-poetas, além daqueles que possam dar a idéia de sua importância na vida cultural brasileira.

Começamos por Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzza. O apelido – que no nordeste quer dizer “moleque” – foi dado pelo próprio pai ao descobrir que teria um filho homem. Era, na verdade, uma maneira de dar uma alternativa àquele menino que se chamaria Agenor, nome que João, no fundo, achava feio, apesar de ser uma homenagem a seu pai.

A alcunha não poderia ser mais providencial. Parece inimaginável um cantor de rock’n’roll chamado Agenor... Cazuzza soava muito bem, além de ser um nome praticamente único.

Sua atenção pela música foi despertada logo cedo, uma vez que, por ser o seu pai diretor de gravadora, convivia de perto com aqueles que eram considerados os grandes mitos da música popular brasileira. Jair Rodrigues, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Elis Regina, por exemplo, o viram crescer.

A adolescência de Cazuzza foi marcada por uma intensa busca pela liberdade. A partir dos doze anos de idade, ele se rebelou definitivamente contra

* Para a confecção deste capítulo, que faz um apanhado biográfico de Cazuzza e Renato Russo, foram tomadas como referência as obras *Cazuzza: Só as mães são felizes*, de Lucinha Araújo e *Renato Russo: O trovador solitário*, de Arthur Dapieve, além de sites da Internet, devidamente indicados na bibliografia do trabalho.

¹⁴ CAZUZZA. “Vida, louca vida”. Lobão e Bernardo Vilhena. [Compositores]. In: _____. *Minha História*. [S.I]: Polygram. 1 CD (ca. 51min 41 s). Faixa 7 (4 min. 19 s). Remasterizado em digital.

os estudos e já era um frequentador da noite carioca. Naquele adolescente já era possível notar uma urgência em viver. Caju – como era chamado pelos amigos – tinha pressa em vivenciar e experimentar todas as coisas da vida, numa espécie de premonição inconsciente de que ela seria muito breve. Compactuando com Fernando Pessoa, seu lema era: “prefiro me arder inteiro na vida, viver. Prefiro viver 30 anos a morrer velho”. Viveu 32.

A vida transgressora de Cazuzza não poderia levá-lo a outro caminho que não o das drogas, não apenas as ilícitas, como maconha e cocaína, como também aquelas socialmente aceitas como o álcool e o cigarro. Elas, inevitavelmente, fariam parte de sua vida, até o fim. Não podemos precisar quando ocorreu o primeiro contato de Cazuzza com as drogas ilícitas, porém, em seu livro sobre a biografia do filho, Lucinha Araújo revela que a primeira vez em que encontrou maconha no quarto do rapaz foi quando ele tinha quinze anos de idade. (Cf. 2004, p. 97)

Como já não tinha mais nada a esconder, as bebedeiras e o uso de drogas tornaram-se cada vez mais frequentes e explícitos, o que levou Cazuzza a ser uma figura conhecida na noite por seus vexames quando estava alcoolizado.

Aos dezessete anos, Cazuzza perdeu sua avó materna Alice. Vó Lice – como ele a chamava – era a única a quem Cazuzza se revelava poeta, mostrando-lhe as poesias que escrevia escondido da família. Segundo ele mesmo contou “fazia poesias às escondidas de meus pais, porque era um romântico, um cara cheio de dores-de-cotovelo”. (Chediak, 1990, p. 10) Na verdade, Cazuzza escondia sua porção poeta, pois não combinava com aquela imagem de adolescente transviado que gostava de passar e que realmente era. Mas, na sua multiplicidade de comportamentos havia lugar para os dois comportamentos, aliás, para muitos outros.

O fato é que com a morte da avó, Cazuzza perdeu a cúmplice com quem discutia os versos e as rimas de suas composições. Em homenagem a Vó Lice, o poeta escreveu um poema, que está gravado em seu túmulo, em Vassouras. Foi a primeira vez que a mãe de Cazuzza leu um poema seu e percebeu toda a sensibilidade do filho manifestada em verso.

Cazuzza era mesmo um misto de muitas coisas. Em certos momentos, era tímido e introspectivo, em outros, rebelde e impulsivo, passando pelo engraçado que não perdia uma piada. Também fazia parte de sua personalidade um grande

senso de humor temperado com uma fina ironia, uma maneira muito particular de encarar a vida que o acompanhou até o fim. Mesmo nas situações mais difíceis, ele nunca perdeu sua veia cômica e foi sempre um grande debochado.

De volta aos estudos, ou melhor, de volta à tentativa de estudar, Cazuza foi para Londres estudar arte dramática, com dezoito anos de idade. Durante o tempo em que permaneceu por lá, fez de tudo: visitou museus, foi a cinemas, teatros e, é claro, freqüentou bares e tomava um porre a cada dia.

De volta ao Brasil, prestou dois vestibulares, nos quais foi aprovado, mas não cursou nenhuma das duas faculdades. O primeiro foi para Comunicação no Centro de Comunicações em Jacarepaguá, com a promessa de que ganharia um carro do pai, caso fosse aprovado. Entrou na faculdade e trancou matrícula logo em seguida. O segundo, dois anos depois, foi também para Comunicação, na Faculdade Hélio Alonso, que também não cursou.

Vendo que, definitivamente, os estudos não faziam parte dos planos de vida do filho, seu pai achou que o jeito era colocá-lo para trabalhar. Seu primeiro emprego foi na gravadora Som Livre – da qual João Araújo era o presidente – no departamento de imprensa e sua função era escrever *releases* de artistas. Para tanto, o pai pagava-lhe uma espécie de salário-mesada que saía do próprio bolso, embora Cazuza não soubesse disso.

A primeira sinalização acerca da (homo)sexualidade de Cazuza veio quando ele tinha dezoito anos e sua mãe encontrou entre suas coisas uma carta apaixonada a um rapaz. Apesar do medo da resposta que receberia, Lucinha foi direta na pergunta: “Meu filho, você é homossexual?”, a qual recebeu a seguinte resposta:

Olha, mamãe, eu não sou nem uma coisa nem outra, porque nada é definitivo na vida. Você pode dizer que eu seja bissexual, porque não fiz minha escolha ainda. Um dia posso gostar de um homem, como, no outro, gostar de uma mulher. Então, não fique preocupada com isso. (Araújo, 2004, p. 108)

Embora pouco esclarecedora, a resposta foi verdadeira. Tanto que a primeira paixão de Cazuza da qual se tem notícia foi por uma menina, aos dezessete anos, com quem quase teve um filho, pois ela teria feito um aborto. Mais tarde, aos vinte e um, viveu um romance com o cantor Ney Matogrosso. Logo depois, chegou a morar junto com Patrícia Casé, que era o oposto de Cazuza, era “careta” e levava uma vida do tipo “geração saúde”. Ao final de 1980, viveu um relacionamento profundo com Sérgio Dias, com quem permaneceu por quatro anos.

Antes de se encontrar como vocalista e letrista do grupo Barão Vermelho, Cazuzza tentou outras carreiras. Fez curso de fotografia em Londres e chegou a trabalhar como fotógrafo *free-lancer* da gravadora RGE. Fez também o curso de teatro de Perfeito Fortuna e do grupo Asdrúbal Trouxe o Trambone, no Arpoador. Foi no teatro a sua primeira experiência como cantor. Num espetáculo que era uma paródia de *A noviça rebelde*, Cazuzza interpretou duas canções – *Odara*, de Caetano Veloso, e *Edelweiss*. Sua participação na montagem não tinha uma fala sequer, apenas cantava.

A essa altura, Cazuzza já conhecia o cantor e compositor Léo Jaime, que participou de uma das montagens do grupo de Perfeito Fortuna como diretor musical, a convite do próprio Cazuzza. Antes mesmo de ver sua primeira aparição em público como cantor, Léo insistia em dizer ao amigo que era isso que ele deveria fazer. No entanto, apesar de gostar de cantar, Cazuzza tinha receios por ser filho do presidente da gravadora Som Livre. Desta forma, as pessoas poderiam achar que ele só estava seguindo essa carreira por proteção. Na verdade, esse era o mesmo receio que mais tarde faria com que João Araújo resistisse em gravar o disco da banda a qual o filho pertencia.

Cazuzza foi parar no Barão Vermelho através de Léo Jaime que havia recusado o convite de ser intérprete da banda. Como já vimos, o grupo se preparava para um show, que não aconteceu, na Feira da Providência e ensaiavam na garagem da casa de Maurício, no bairro do Rio Comprido. Os destinos estavam traçados: Cazuzza e Barão Vermelho.

Com o Barão, Cazuzza projetou-se nacionalmente no cenário musical brasileiro. Destacou-se não só como vocalista daquela banda, como, principalmente, compositor das mais poéticas letras do BRock. Tanto que, assim que suas músicas começaram a ser tocadas, Cazuzza ficou conhecido como o “poeta do rock”.

Se antes o seu envolvimento com as drogas já existia, agora estava indo para o extremo. A relação que a sociedade estabelecia entre rock e drogas dava ao poeta o aval – se é que ele precisava – para se enveredar de vez por uma vida transgressora, seguindo ao “pé-da-letra” o lema sexo, drogas e rock’n’roll.

Os tempos de Barão Vermelho foram bastante difíceis. Tanto pela personalidade difícil de Cazuzza quanto pela pouca projeção do grupo na mídia.

Quando o grupo estava indo para o 4º LP, Cazuzza decidiu sair da banda e seguir carreira solo.

O relacionamento de Cazuzza com o Barão foi ficando cada vez mais difícil. O músico estava cada vez mais profissionalmente irresponsável, bebendo, se drogando, descumprindo compromissos, o que gerava muitas brigas e discussões. Apesar da difícil separação, ambos, músico e banda, seguiram suas carreiras e conquistaram seus espaços.

Uma semana após a saída do Barão, no final de julho de 1985, Cazuzza foi internado no hospital São Lucas com uma infecção bacteriana nos pulmões. Os jornais e revistas começaram a especular sobre a saúde do compositor, levantando a possibilidade dele estar com AIDS. Porém, submetido ao teste de HIV a pedido próprio, descobriu que não era soropositivo. Foi a primeira vez que Cazuzza se viu diante dessa possibilidade.

Embora tenha se submetido ao teste de HIV e tenha pensado que poderia ter AIDS, logo após a internação, Cazuzza deu uma entrevista à jornalista Mônica Figueiredo da *Folha de São Paulo*, para uma matéria que falava a respeito da boataria envolvendo artistas e seu estado de saúde, na qual foi enfático em dizer que não iria ter AIDS. Disse ainda que essa doença era um “complô contra a sacanagem” e que ele não iria “abandonar a sacanagem em hipótese alguma”.

O seu gosto pela transgressão não deixou mesmo que esse pequeno susto o impedisse de levar a vida boêmia que levava. “Com sua simpatia atávica por todos os marginalizados, continuava considerando o máximo o comportamento de todos os transgressores”, conclui Lucinha Araújo.

A saída do Barão, mais do que uma busca por espaço pessoal, foi também uma busca pelo espaço artístico. Sozinho, ele poderia não só fazer o rock in roll aprendido com a carreira em grupo, como deixar extravasar toda sua porção MPB, que foi a sua principal influência. Tanto que seu primeiro disco solo, “Exagerado”, trazia, além da música título, a romântica *Codinome beija-flor*.

Dois anos depois de ter sofrido a primeira internação, Cazuzza começou a ter novos problemas de saúde e sentia-se muito debilitado. Submetido a novos exames, inclusive o de HIV, Cazuzza relutou muito em ir ao médico para ver o resultado dos exames. Parecia prever que desta vez a possibilidade dele estar com AIDS não era tão remota.

Sem ter mais como se esquivar da fatalidade, no dia 29 de abril de 1987, aos vinte e nove anos de idade Cazuzza teve a confirmação. A notícia foi recebida com tristeza e temor. Naquela época, pouco se sabia a respeito da doença no Brasil e estar diante do desconhecido era algo extremamente desconfortante.

A notícia veio no meio dos shows de lançamento do segundo LP, “Só se for a dois”. Ao terminar a turnê, Cazuzza embarcou para Boston com a família, em busca de informação e tratamento para a doença.

Nos Estados Unidos, acabaram descobrindo que mesmo os maiores especialistas ainda não tinham a menor idéia do que era essa doença. Tanto que as primeiras recomendações foram no sentido de não beijar, não se comer no mesmo prato ou talheres do doente, não usar as mesmas roupas e que todos os seus objetos de uso pessoal deveriam ser esterilizados.

Embora devendo tomar certos cuidados – alguns excessivos para os dias de hoje – Cazuzza não deixou de fazer absolutamente nada do que queria. Ao contrário, continuava se drogando, bebendo e levando a mesma vida desregrada de sempre. A esta altura, havia se mudado para um novo apartamento, na Lagoa, no qual deu uma festa de inauguração para cerca de duzentas pessoas.

No início de outubro de 1987, Cazuzza ficou dezoito dias internado na Clínica São Vicente, mas nem por isso deixou de produzir; todas as tardes ele e Frejat trabalhavam uma nova canção. Esgotadas todas as tentativas de baixar a febre que às vezes passava dos 40 graus, Cazuzza foi levado de volta a Boston. Os médicos do New England Medical Center diagnosticaram um fungo nos pulmões e o medicamento prescrito trazia reações horríveis, como convulsões violentas, que chegaram a levá-lo ao CTI. Lá, Cazuzza permaneceu por onze dias entre a vida e a morte.

Foi neste período que os médicos resolveram experimentar o AZT, um medicamento ainda fora do mercado. Cazuzza precisou assinar um termo de responsabilidade para que fosse feito o tratamento. A droga funcionou e dois dias depois o compositor saiu do CTI, embora tivesse permanecido internado por mais onze dias, recuperando-se.

Embora eficiente, o tratamento com o AZT também trazia efeitos desagradáveis. Cazuzza emagreceu muito e seus cabelos tornaram-se lisos e escassos. Foi a partir daí que ele começou a usar a bandana na cabeça, que se tornou uma marca do compositor.

De volta ao Brasil, em dezembro daquele mesmo ano, reuniu os amigos e contou, no tom de ironia e deboche que lhe eram peculiares, sobre sua doença, o tratamento que fazia e o calvário dos dois meses em que permaneceu em Boston.

Cazuza trabalhou mais do que nunca. Era como se ele quisesse condensar todo o seu potencial num prazo de vida que se sabia curto. Entre janeiro e fevereiro de 1988, gravou o seu terceiro disco, “Ideologia”, que fora lançado em abril, quando o músico completou trinta anos de idade.

O disco foi recebido com louvor pela crítica, que considerou seu melhor trabalho. Duas das músicas do LP estiveram na novela “Vale tudo”, da Rede Globo: *Brasil*, que foi a música de abertura na voz da cantora Gal Costa, e *Faz parte do meu show*, tema da personagem da atriz Lídia Brondi, na voz do próprio Cazuza.

“Ideologia”, além do reconhecimento, também lhe rendeu o I Prêmio Sharp de Música, com a canção *Preciso dizer que te amo*, interpretada pela cantora Marina. Além disso, estava neste disco a canção *Boas novas*, que era uma nítida referência ao período de internação em Boston, no qual “viu a cara da morte e ela estava viva”.

A vida de bebidas e drogas que insistia em levar associada ao uso do AZT causava afeitos horríveis. Não só físicos, como mal-estares e desmaios, como também psicológicos. Nesses momentos, o Cazuza amável e doce dava lugar a um outro agressivo e desafiador.

O comportamento de Cazuza estava realmente diferente. Se em 1983 ele cometera o gesto aparentemente ufanista de enrolar-se na bandeira nacional durante um show no Rock in Rio, agora, em 1988, ele cuspira na mesma bandeira, que foi jogada ao palco durante um show do disco “Ideologia”.

A atitude de Cazuza causou polêmica e divergiu opiniões. Ele se explicou dizendo se tratar de um gesto de um ufanista louco que jogou a bandeira e que o Brasil não estava em condições de receber manifestações daquele tipo. Naquele ano, o país estava sendo corroído por uma inflação de 900%, eram várias as denúncias de irregularidade e o seringueiro, sindicalista e ativista ambiental Chico Mendes havia sido assassinado.

Na época, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria que continha opiniões de várias personalidades a respeito do ocorrido, alguns contra, outros a favor. O jornal *O Estado de São Paulo* chegou a proibir a publicação do nome de Cazuza

em suas páginas, dizendo não admitir que a dignidade da Nação fosse “confundida coma mediocridade de seus eventuais governantes” e que por isso “riscou o nome do artista de suas páginas, temporariamente”.

Cazuza escreveu uma carta-defesa para distribuir à imprensa, mas foi impedido por seu pai, que acreditou que isso só estenderia ainda mais a discussão. No entanto, logo após a morte do filho, João Araújo entregou a carta ao jornal *O Globo*, que a publicou no dia 16 de julho. Dentre outras coisas, Cazuza declarou que realmente cuspiu na bandeira, “duas vezes”, que não se arrependia e que sabia muito bem o que estava fazendo. Quanto ao que disseram sobre ele não entender o que significava a bandeira, que ela não simbolizava o poder, mas a história do país, ele disse: “tudo bem, eu cuspo nessa história triste e patética”.

Ao final de 1988, Cazuza concedeu uma entrevista à apresentadora Marília Gabriela, em seu programa “Cara a Cara”, da TV Bandeirantes. Questionado sobre seu estado de saúde, desconversou e não assumiu estar com AIDS. Já nos bastidores, Marília lhe perguntou por que relutava em falar a verdade publicamente e disse ainda que ele não devia nada a ninguém.

As palavras da apresentadora marcaram-no e ele realmente acreditava que não estava sendo coerente com aquilo que cantava para seu público. Se em suas músicas clamava por transparência e verdade, pedindo ao Brasil que mostrasse a sua cara, por que ele mesmo não fazia isso?

Antes que o compositor tomasse a atitude de assumir publicamente que era soropositivo, um novo episódio o levou de volta a Boston. Os efeitos drogas + bebidas + AZT não davam trégua. Cazuza cada vez mais tinha acessos de loucura e descontrole, até mesmo nos shows. Durante uma apresentação em Recife, em 24 de janeiro de 1989, o músico começou a falar em inglês com a platéia, que respondeu com vaias. Daí o cantor partiu para as agressões. Ele havia cantado apenas umas duas ou três músicas e foi retirado do palco para receber oxigênio, pois com o esforço, começou a se sentir mal. Mesmo assim quis voltar, mas cambaleou novamente e o show, o último de sua carreira, foi encerrado.

Foi então após esse episódio que Cazuza partiu para Boston na tentativa de entender e minimizar os efeitos causados pelo AZT. Foram quinze dias de internação durante o mês de fevereiro, nos quais o músico dedicou-se exclusivamente à fotografia.

Ao sair do hospital, Cazuzza foi para um hotel em Nova York, onde foi procurado pelo jornalista Zeca Camargo, então da *Folha de São Paulo*. O músico o recebeu no seu quarto no Regency. Após responder a algumas perguntas sobre disco, carreira, música, o jornalista lhe perguntou a respeito de sua passagem pelo hospital em Boston. Era claro que o que ele queria era uma declaração de Cazuzza confirmando estar com AIDS e conseguiu. Naquele 12 de fevereiro de 1989 Cazuzza declarou: “Olha, escreve aí (...) Estou com AIDS e não agüento mais! Não é isso que vocês querem saber?”.

De volta ao Brasil, no fim de fevereiro, Cazuzza foi para um novo apartamento, mais confortável, no Leblon, pois estava cada vez mais debilitado. Mal conseguia andar e logo teve de fazer uso de cadeira de rodas. No mês seguinte, voltou a ser internado na Clínica São Vicente com um quadro de hepatite. Lá permaneceu até 4 de abril, dia em que completou 31 anos de idade.

Nesta fase, enquanto estava sendo lançado o disco ao vivo “O tempo não pára” – gravado no Canecão durante o show de lançamento do disco “Ideologia” –, Cazuzza se preparava para gravar aquele que seria seu último disco em vida.

“Burguesia”, gravado entre abril e maio de 1989 e lançado em agosto do mesmo ano, era um disco duplo que comportava vinte músicas, a maior parte delas composta durante a internação na Clínica São Vicente. Isto mostra o quanto Cazuzza tinha urgência em trabalhar. Além disso, a fase de gravação foi bastante difícil, pois ele chegava ao estúdio de cadeira de rodas, muitas vezes gravava deitado e em certa ocasião chegou a estar com 39 graus de febre.

Cazuzza estava gravando o 4º disco, mas o anterior ainda lhe estava rendendo alegrias. No dia 28 de abril, o músico recebeu três Prêmios Sharp de Música: melhor disco pop rock, por “Ideologia”; melhor música pop rock e melhor música do ano, ambos por *Brasil*.

Terminadas as gravações de “Burguesia”, Cazuzza partiu para São Paulo para testar um tratamento à base de injeções de sangue de cavalo, que, embora nunca tivesse sido experimentado em pacientes HIV positivos, se mostrava bastante eficiente em pessoas com câncer, pois tinha a propriedade de fortalecer o sistema imunológico.

Durante o período em que esteve em São Paulo, foi lançado “Burguesia”. Para a maior parte da imprensa o disco não era bom e em algumas declarações era possível notar um certo tom de compaixão, pois ressaltavam que se tratava do

último registro de um artista doente, destacando apenas o lado humano. Outros, nem isso, não tiveram nem mesmo compaixão e o criticaram duramente, dizendo que ele tinha o dever de se esforçar mais.

Realmente, artisticamente “Burguesia” não era, nem de longe, um disco comparável aos outros da carreira do músico. Ao contrário, devido às condições em que fora gravado, a qualidade das músicas fora comprometida por uma interpretação difícil de Cazuzza, que praticamente não tinha mais forças para cantar. Como assinala Arthur Dapieve, o disco “era fruto de uma enorme vontade de viver, ou melhor, de transcender a vida através de arte, mas, por outro lado, era artisticamente inconsistente.” (1996, p. 77)

Cazuzza permaneceu em São Paulo de junho a outubro de 1989, passando pelos hospitais Albert Einstein e Nove de Julho. Neste último, chegou a ser internado entre a vida e a morte, até ser levado de volta a Boston.

O estado de saúde do poeta era bastante grave, pois estava com uma espécie de vírus que não cedia a medicamento algum. Nem mesmo um novo medicamento que vinha sendo usado em pacientes soropositivos em substituição ao AZT, o DDI, pôde ser administrado em Cazuzza, dada a fragilidade de seu organismo.

Apesar da situação crítica pela qual passava, o moleque Cazuzza não perdia o senso de humor. Brincava com as enfermeiras, implicava com os médicos assistentes e para tudo tinha uma piada, muitas vezes cheia de ironia.

O músico permaneceu em Boston de outubro de 1989 à primeira quinzena de março de 1990, quando os médicos disseram não ser mais possível tratá-lo. O vírus que estava instalado em seu organismo era muito resistente, portanto não era possível tentar nenhuma droga que impedisse o avanço do vírus da AIDS.

Cazuzza pareceu melhorar significativamente ao voltar ao Brasil. Certamente, estar em casa, perto dos amigos e da família, longe daquele ambiente hospitalar lhe fez sentir-se melhor. No entanto, no final de março, voltou a ter complicações e foi internado na Clínica São Vicente, onde permaneceu apenas dois dias, fazendo exames de rotina.

Passou os seus últimos meses de vida Cazuzza realizando todos os seus desejos. Viajou para a casa da família em Petrópolis e Angra dos Reis; foi ao show de Caetano Veloso, no Canecão; criou a Caravana do Delírio, nome dado por ele aos passeios que fazia com os amigos numa Variant preta, comprada para esse fim: passear e curtir.

Durante esse período, sua saúde vacilava. Ora reagia bem, ora parecia que o fim estava ainda mais próximo. Nessa oscilação, Cazuza vivia um paradoxo entre a consciência do pouco tempo que ainda vivia e a esperança de que ainda poderia viver muito mais.

Nos últimos dias de vida, seu estado era gravíssimo. Mal conseguia falar e estava muito magro e fraco. No dia 7 de julho de 1990, Cazuza simplesmente não amanheceu, morreu dormindo, como era o seu desejo.

4.1 Um ultra-romântico no século XX

Em 27 de março de 1960, nasceu, no Rio de Janeiro, Renato Manfredini Júnior, o primogênito do casal Renato Manfredini – economista do Banco do Brasil – e Maria do Carmo – professora de inglês. Apesar de ter nascido no bairro do Humaitá, Júnior cresceu longe da badalação típica da Zona Sul, numa casa na então tranqüila Ilha do Governador.

Isso mais tarde lhe serviria de desculpa para recusar convites para as festas, quando argumentava que morava longe e não dirigia. Na verdade, Renato não era uma pessoa dada a festas e badalações, preferia ficar em casa lendo, ouvindo música ou assistindo a filmes, que eram realmente as atitudes que lhe davam prazer.

Apesar de ter sido considerado uma criança tímida e introspectiva, Júnior teve uma infância comum. Soltava pipa, brincava de pique, andava de carrinho de rolimã, enfim, tinha a mesma rotina das outras crianças.

Não era nenhum menino prodígio, mas era excelente aluno. Gostava particularmente de política, religião, história e filosofia, temáticas que mais tarde estariam refletidas em boa parte de suas composições. Além disso, aos sete anos de idade foi para os Estados Unidos com a família e permaneceu lá por dois anos. Com isso, aprendeu a língua inglesa rapidamente e até tornou-se, mais tarde, professor de inglês na Cultura Inglesa, em Brasília. O domínio daquela língua contribuiu muito com a sua paixão pelo rock.

Seu primeiro contato com a música foi dentro de casa, através dos pais. Seu pai tocava um pouco de piano e ouvia música clássica e jazz. Sua mãe gostava de Francisco Alves, Angela Maria e marchinhas de carnaval. Havia ainda sua tia,

Maria do Socorro, com quem ficava vez ou outra e que gostava de Elvis Presley, Neil Sedaka e Paul Anka. Todo esse ecletismo musical com que convivia ainda foi potencializado pela descoberta do rock, no final da década de 60 para a de 70. Foi fã dos Beatles, Elvis e Bob Dylan, ao mesmo tempo apreciava as cantoras americanas Linda Ronstadt e Joni Mitchell.

Aos nove anos de idade, sua família mudou-se para Brasília, de onde Renato só saiu após começar a fazer sucesso com a Legião Urbana. Na capital federal, Júnior cresceu na Super Quadra Sul 303, um prédio funcional do Banco do Brasil do qual seu pai era funcionário. A Brasília dos anos 70 foi a grande responsável pela consciência política refletida em suas canções que denunciavam todo um sistema corrupto e corruptor.

Em 1975, aos quinze anos de idade, Renato contraiu uma grave doença chamada epifisiólise, a qual atacou seu fêmur esquerdo, praticamente dissolvendo-o. Sofreu cirurgias para colocação de três pinos de platina e ficou quase dois anos sem andar.

Durante este período, tornou-se mais introspectivo do que nunca. Aproveitou todo o tempo para ler e interessar-se ainda mais por música. Tanto que chegou a criar sua primeira banda, a 42th Street Band, que era na verdade uma banda fictícia, da qual era o cantor e chamava-se Eric Russell. Com este pseudônimo, Renato chegou a assinar uma carta-saudação à ocasião da morte de seu ídolo Sid Vicious, vocalista do grupo punk Sex Pistols. A carta foi publicada no *Melody Maker*, um jornal inglês especializado em música.

O sobrenome Russell era uma referência a um de seus pensadores favoritos, o inglês Bertrand Russell. Este nome unido à semelhança sonora com Jean-Jacques Rousseau – outro pensador de quem era fã – e Henri Rousseau – pintor e outra fonte de admiração – deu origem ao sobrenome artístico Russo, que adotaria mais tarde.

Os dezessete anos de Renato foram marcados por três acontecimentos importantes para a sua vida: a cura da epifisiólise, a aprovação no vestibular para jornalismo no Centro de Ensino Universitário de Brasília – pelo qual se formou, mas nunca foi buscar o diploma – e a descoberta do movimento punk. Este último teria um papel de suma importância na fundação, por Renato, do Aborto Elétrico e da Legião Urbana.

Renato tomou conhecimento do movimento punk através de um professor da Cultura Inglesa, chamado Iain. De volta a uma vigem a Inglaterra, no fim de 1977, o professor apresentou-lhe aos Sex Pistols, “que, entre outras coisas, havia chamado a rainha de ‘débil mental’ e fazia rocks viscerais de três ou quatro acordes”. (Dapieve, 2000, p. 29)

A atitude punk *do-it-yourself* encantou Renato, que viu naquele movimento subversivo e anárquico o veículo perfeito para extravasar toda sua criatividade, sem que fossem necessários grandes virtuosismos musicais. Além disso, o país estava vivendo um processo – lento, é verdade – de abertura democrática e isso possibilitaria a livre circulação das idéias que outrora eram veiculadas através de metáforas.

Por esta época, Renato começou a fazer parte da “Turma da Colina”. Como já vimos, Colina era o nome dado a um grupo de prédios destinado a abrigar professores e funcionários da Universidade de Brasília. A “Turma”, então, era formada pelos filhos destes funcionários, mas não só por estes. Também convergiam para lá jovens de outras partes de Brasília levados pela mesma ideologia. Os jovens que faziam parte da “Turma” em algum momento já haviam morado fora do país. Desta forma, tinham a mente aberta e receptiva para o que se fazia lá fora e aceitaram e se identificaram de imediato com o punk rock. Renato então se aproximou cada vez mais da “Turma” e virou uma espécie de *intellectual punk* dos colineiros, dada a diversidade do seu conhecimento cultural.

Toda a informação punk recebida por Renato foi transformada no Aborto Elétrico, grupo que ele formou junto com André Pretorius e Fê Lemos. A preocupação social da banda vinha de seu principal letrista, Renato – ainda Manfredini Jr. – e do meio no qual o grupo foi gerado: classe média alta, formada por jovens bem informados e engajados, inclusive ele próprio. A primeira letra escrita por Renato, *Geração Coca-Cola*, estava inteiramente imbuída dos propósitos punks e mostrava que este músico-poeta vinha para ficar na história da música brasileira como o porta-voz – embora ele tenha morrido recusando este título – de toda uma geração que necessitava falar e se fazer ouvir.

Com o fim do Aborto Elétrico, Renato Russo viveu a fase do Trovador Solitário, na qual tocava de forma acústica, apenas com um violão, as composições da época do Aborto Elétrico e outras novas. Assim ele abria shows

de outras bandas também surgidas em torno da Colina. Essa fase de isolamento serviu para seu aprimoramento musical tanto na música quanto em suas letras.

No entanto, Renato não agüentou por muito esse exílio ao qual ele mesmo havia se imposto e, junto com Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná e Paulo Paulista, formou a Legião Urbana. A banda sofreu algumas modificações em sua formação, mas manteve sempre o estilo que *do-it-yourself* presente em suas letras, compostas majoritariamente por Renato, agora Russo.

Se Oswald de Andrade havia criado o *Movimento Antropófago* e Caetano, a *Tropicália*, Renato Manfedini Jr. teve a sua vez de organizar o movimento, ele que vivia aos pés do monumento no planalto central do país. À ocasião do festival acontecido na Associação Brasileira de Odontologia, em 1983, o jornalista Renato escreveu o *press release*¹⁵ do evento, que mais soou como um manifesto em prol da causa rocker do que propriamente como um informativo para a imprensa. Nele, deixava claro o caráter contracultural do rock, o qual, para ele, não era um mero modismo da música popular brasileira, mas uma atitude *anti* qualquer paradigma.

A Legião Urbana já estava em sua segunda formação, apenas com Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, quando aconteceu, num dia de 1984, um incidente: Renato, que já vinha tendo várias crises de depressão, cortou os pulsos. O gesto foi muito mais uma “frescura”, como sentenciou o próprio, do que uma tentativa de suicídio. Estava bêbado e certamente o fez para chamar a atenção de algum rapaz.

O fato é que este incidente fez com que a Legião agregasse mais um membro, Renato Rocha, para ficar no contrabaixo no lugar de Russo. O corte nos pulsos gerou ainda outras conseqüências: por conta das cicatrizes deixadas, Renato passou a usar camisas de mangas compridas. Estava formada a confusão. Alguns fãs sabiam do real motivo do uso daquelas camisas. Outros, no entanto, diziam que Russo as usava no intuito de esconder as marcas de picadas de agulhas

¹⁵ Eis um fragmento do *release* escrito por Renato: “(...) Um movimento original e anárquico que pretende acabar com os falsos modismos. É a moda levada ao extremo: antimoda, antiestética, antitudo. Mas aqui é bem mais fácil controlar a juventude oferecendo a válvula de escape ideal e não uma música que faça todos pensarem e questionarem as hipocrisias construtivas de uma sociedade falsa, à beira da autodestruição atômica. Ha-ha. Música discoteca não fala desse feito. E a música popular brasileira parece estar muito mais preocupada com cama e mesa e a sensação das cordilheiras. E o pessoal que faz letras espertas não gosta de tocar rock no Brasil. O que fazer? Será que estão todos satisfeitos? Rock é uma atitude, não é moda. É música da África. Não é música americana. Tem no mundo inteiro.” (*In: Dapieve, 2000, p. 57*)

das drogas injetáveis. Na verdade, apenas alguns anos mais tarde é que Renato começaria a usar esse tipo de droga.

Após o festival da ABO, a Legião começou a fazer muitos shows em Brasília. Dali para o Rio de Janeiro não demorou muito e não tardou também que banda gravasse seu primeiro LP. Todas essas transformações inquietavam Renato, que chegou a duvidar se tudo aquilo iria dar certo.

O sucesso não chegou assim tão depressa. O primeiro disco do grupo demorou um pouco a ser descoberto pelos fãs. No entanto, quando isso ocorreu, a banda foi obrigada, em 1985, a mudar de vez para o Rio de Janeiro, onde, além de ficar próxima da gravadora, poderia atender a toda demanda de shows, fãs e imprensa.

Não demorou muito, a grande massa jovem reconheceu em Renato o seu porta-voz. Cada vez mais parecia que,

quando Renato cantava, estava se dirigindo a cada pessoa em particular, não a uma massa indistinta, não a uma vala comum de sentimentos. “Ei, esse cara está falando é comigo!”, era o sentimento de todo e qualquer espectador. (Dapieve, 2000, p. 88)

Embora Renato se recusasse a encarar o papel de reformador social a que muitos o haviam submetido, ele mesmo contribuía para esse messianismo em torno de si. Como se não bastassem suas composições para lá de reformadoras, era comum nos shows inserir discursos políticos no meio das canções, protestando contra “matanças de homossexuais” ou clamando por eleições diretas. Para quem não queria ser um messias...

O receio de Renato tinha uma certa razão de ser. O público que o venerava e se identificava com seu discurso era o mesmo que, paradoxalmente, promovia pancadarias e quebra-quebra, como ocorrera no fatídico show no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. Desta forma, Renato se justificava: “se eu realmente estivesse num caminho messiânico, teria controlado aquele show”. E lamentava: “como a gente vai falar o que acha legal sem que as pessoas se matem, sem que nós nos matemos?”.

Como forma de fuga, Renato oscilava suas composições entre o discurso político e o lírico-amoroso. Após o lançamento do terceiro LP, que era extremamente político (os versos iniciais da música que abria o disco denunciavam “Na favela, no senado / sujeira pra todo lado”), o letrista fez uma pausa nas composições para tentar seguir um outro rumo, menos político e mais introspectivo.

Esse período de recolhimento rendeu temas mais espirituais do que materiais. As letras faziam referências a Buda, *Tao-te-king*, Bíblia, enfim, a várias formas de manifestações místicas e religiosas.

O quarto LP da Legião, “As quatro estações”, lançado em 1989, estava imbuído não só de todo esse universo místico como também de canções líricas e auto-referenciais. Aquele era o primeiro LP em que Renato assumia claramente, numa de suas letras, sua opção sexual. Em *Meninos e meninas* o homossexualismo era tratado às claras, sem culpas ou medos. Havia ainda a canção *Maurício*, que fazia algumas referências a esse assunto.

Sua família já sabia do seu homossexualismo desde que ele tinha dezoito anos e Renato os agradecia por toda a força e compreensão numa canção chamada *Pais e filhos*, que também estava neste LP. A mesma música servia ainda como homenagem ao filho que nascera em março daquele ano, Giuliano, fruto de um rápido relacionamento com uma fã.

No fim de 1990, Renato, a conselho da família e de amigos, internou-se numa clínica em Botafogo para se desintoxicar. Ultimamente, vinha exagerando no álcool e nos remédios e andava extremamente tenso. A razão desse descontrole estava na certeza que o compositor tinha de estar com AIDS. Ainda internado, veio a confirmação: o vírus HIV foi encontrado em seu sangue. Sua reação pode não ter sido de conformação, mas foi no mínimo fatalista. Era como se ele soubesse que seu destino não pudesse ter sido outro.

A alta da clínica veio depois de uma atitude puramente punk de Renato: pôs, literalmente, fogo no quarto como forma de protesto por não poder tocar violão para os outros pacientes na festa de fim de ano. Na verdade, era uma forma de tentar sair para passar o Natal com a família, em Brasília. E conseguiu.

Poucas pessoas souberam do resultado positivo do teste de HIV. Além do pai – nem para a mãe ele contou –, apenas o empresário Rafael Borges, Bonfá, Dado e a amiga Denise Bandeira tomaram conhecimento do seu estado de saúde.

Cinco meses antes de Renato ficar sabendo que era soropositivo, Cazuza havia morrido em decorrência também da AIDS. Russo assistiu, assim como todo o Brasil, ao martírio e à luta pública de Cazuza contra o vírus HIV e como este, mais do que vítima da AIDS, foi vítima das especulações e comentários maldosos por parte de alguns. Renato não queria ter o mesmo destino e, por esta razão, até o

fim guardou segredo. Embora muitos boatos surgissem a esse respeito, nunca encontraram confirmação.

Após a angústia e o desespero iniciais, Renato ingressou numa fase mística e de renascimento artístico. Tanto que o quinto disco da Legião conseguiu reunir canções políticas, líricas, conceituais, enfim, conseguiu reunir todo ecletismo que aquele *intellectual punk* da Colina era capaz de produzir.

A auto-referência estava mais uma vez presente. A canção *A montanha mágica* versava sobre o sombrio mundo das drogas, numa fase em que Renato começara a fazer análise e estava sem usar drogas, após ter feito uso, inclusive, de heroína de forma injetável. Em *Metal contra as nuvens* era possível reconhecer um Renato otimista frente à fatalidade de seu destino: “Não me entrego sem lutar – / Tenho ainda coração. / Não aprendi a me render: / que caia o inimigo então.”

Durante a turnê do disco *V*, Renato novamente enveredara por uma fase de autodestruição, mesmo se sabendo soropositivo. O relacionamento com as outras pessoas tornava-se cada vez mais difícil e o músico partiu para o isolamento. Não tinha mais vida social, trabalhava em tempo integral. Essa obsessão pelo trabalho fazia com que Renato visse os momentos de lazer dos companheiros de banda como um descanso profissional e, numa de suas crises, simplesmente suspendeu a turnê.

Renato então decidiu se cuidar. Estava não só preocupado consigo mesmo como com a imagem que passaria para o filho Giuliano. Começou a tomar AZT, para adiar o surgimento dos sintomas da doença; frequentou discretas sessões dos Alcoólicos Anônimos; passou três meses internado na Clínica Vila Serena, para se desintoxicar.

Esse período de recolhimento e cura lhe deu forças para trabalhar ainda mais. Nos seus últimos três anos de vida gravou nada menos que seis discos, três com a Legião Urbana e três projetos solo. Todo esse trabalho intensivo funcionou como uma espécie de terapia ocupacional, como forma de não pensar na vida que sabia breve.

O resultado disso pôde ser visto no repertório do sexto disco da Legião Urbana, no qual as letras “incluíam um verdadeiro método Renato Russo para atingir e manter a paz”, como assinala Arthur Dapieve.

Após a sobrevivência à era Collor, o país que sobrara para o vice-presidente Itamar Franco estava, aos olhos de Renato – e do restante da nação! – dilacerado,

repleto de irregularidades, insano e cheio de doenças que precisavam ser sanadas. Um país ao qual, ironicamente, ele festejava em *Perfeição*, que, entre outras coisas, celebrava “nosso Estado, que não é nação” e “nosso passado de absurdos gloriosos”. No entanto, ao final, a canção se mostrava otimista, acreditando que o que viria seria realmente a perfeição.

Paralelamente ao trabalho com a Legião Urbana, Renato Russo enveredou num projeto solo. Queria mostrar-se mais como intérprete do que como compositor, tanto que “The Stonewall celebration concert” era um disco de gravações de músicas em inglês. A opção por esta língua contribuía para por fim aos boatos sobre o fim da Legião Urbana.

“Stonewall” era um disco engajado. Vinte e cinco anos antes, gays de Nova York fizeram um motim contra a polícia, num bar que tinha o mesmo nome do CD. Desta forma, o álbum era também uma comemoração ao 25º aniversário do levante gay. Além disso, parte dos seus *royalties* era doada por Renato e pela gravadora, EMI-Odeon, para a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, um projeto organizado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho – que era hemofílico e, também, soropositivo.

Mais uma vez a onda de messianismo que o cercava e o culto a sua personalidade começaram a incomodar e Renato voltou à fase autodestrutiva, fazendo uso de álcool. Era uma espécie de boicote ao próprio trabalho e a si mesmo.

Resolveu resgatar sua origem italiana tentando conseguir dupla cidadania para ele e para o filho Giuliano. E mais ainda: decidiu gravar um segundo CD solo só com canções italianas. Renato, apesar de sua descendência ítala, não falava o idioma. Portanto, no final de 1994, aproveitando as férias da Legião, embarcou para a Itália na companhia da amiga e assessora de imprensa da banda e de sua carreira solo, Gilda Mattoso, a fim de, não só pesquisar músicas que pudessem fazer parte do seu repertório, como também os papéis necessários para o pedido de dupla nacionalidade. A viagem durou oito dias, tempo suficiente para Renato coletar inúmeros discos para o repertório do seu CD, que seria lançado em dezembro de 1995.

O título, “Equilíbrio distante”, não poderia ser mais auto-referencial. Durante o lançamento do álbum, Renato dizia estar em “depressão química”. Esse era o nome que ele dava aos efeitos causados pelos medicamentos que vinha

tomando na tentativa de evitar a manifestação dos sintomas da AIDS, que, após um período de cinco anos assintomáticos, começavam a se fazer sentir. Desta forma, manter o equilíbrio era algo realmente difícil.

Em janeiro de 1996, começaram as gravações daqueles que seriam os dois últimos discos da carreira da Legião Urbana. Renato já estava bastante debilitado e ia muito pouco ao estúdio de gravação. Registrou quase todas as canções na primeira tentativa e não voltou para regravar nada. Como acontecera com Cazusa, chegou a gravar sob febre alta e sua voz já estava audivelmente mais fraca.

As especulações a respeito da saúde de Renato tornaram-se cada vez mais freqüentes, no entanto sua doença era descrita como síndrome do pânico. Porém, algumas letras não deixavam dúvida que se tratava de uma despedida. Na canção *Uma outra estação*, por exemplo, Renato se despedia: “Longe longe, estou em outra estação.” Além disso, o registro de sua voz é praticamente um sussurro.

No dia 27 de março daquele ano, Renato comemorou o seu 36º aniversário ao lado de amigos no seu apartamento da rua Nascimento Silva. Parecia cansado e irritadiço. A festa teve um certo ar de despedida, apesar do sigilo sobre sua doença ainda estar sendo mantido.

Por causa do longo tempo em que foi mantida em segredo, a impressão que se teve era de que a doença o atacou muito rapidamente e que Renato havia se entregado. No entanto, o compositor conviveu com o vírus durante seis anos e foram suas atitudes transgressoras que mais contribuíram para piorar seu estado de saúde.

Seu quadro se agravou nos últimos três meses de vida, o que fez com que seu pai viesse de Brasília para ficar ao seu lado, até o fim. Neste período, Renato optou por manter os amigos longe, apenas alguns iam visitá-lo e os que não iam respeitavam a decisão do músico em querer partir sem alarde. Como já dissemos, Russo não quis que assistissem ao seu calvário como ocorrera com Cazusa.

Como a medicação lhe atacava violentamente o estômago, ele desenvolveu uma espécie de anorexia, o que lhe deixou cerca de vinte quilos mais magro. A esta altura, Renato Russo já tinha dado instruções sobre o que fazer com seu corpo quando morresse: pediu que fosse cremado e que suas cinzas fossem espalhadas no sítio do paisagista Burle Marx, em Barra de Guaratiba. Morreu no dia 11 de outubro de 1996, à 1h15.